

O fim do capitalismo

O fim do capitalismo como o conhecemos: Uma crítica radical ao capitalismo

Elmar ALTVATER

Traduzido por Peter Naumann
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, 363p.

“O fim do capitalismo...” é tradução do original alemão *Das Ende des Kapitalismus, wie wir ihn kennen*, de 2005, por Peter Naumann, e publicado no Brasil em 2010 pela editora Civilização brasileira. Elmar Altvater, o autor, é professor de Ciência Política na Universidade de Berlim, Alemanha, que vem ao longo de sua carreira acadêmica discutindo a política de desenvolvimento e o capitalismo. Entre suas obras publicadas em português, além dessa, citamos o *Preço da riqueza: Pilhagem ambiental e a nova (des) ordem mundial*, publicado pela editora Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho) em 1995.

No prefácio à edição brasileira, Altvater alerta, de forma provocadora, que o capitalismo conhecido pelos seres mortais sucumbiu em 2009, tendo como símbolo a crise financeira no final de 2008, que levou à ruína o Banco Lehman Brother e abalou as estruturas do mercado das bolsas de valores do mundo inteiro.

Tal crise continua, alicerçada pela instabilidade e insegurança financeira no continente europeu, sendo a Grécia o bode expiatório da vez, ameaçando a liquidez do capital global, ao mesmo tempo em que se submete às

regras político-econômicas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e leva sua população a uma severa recessão econômica.

Mas não se pode esquecer da dificuldade enfrentada por outros países como Estados Unidos da América, França, Itália, Espanha e Portugal, que têm sua credibilidade financeira colocada em dúvida pelas agências de avaliação de risco do mercado financeiro. A consequência disso é o afloramento de movimentos de protesto contra a globalização e o capital nesses países, capitaneados pela juventude, faixa etária mais afetada pela crise do capitalismo, como também por guerras, que são produto da continuação da concorrência econômica com meios políticos.

A crise global é tão significativa que até as elites dominantes estão dispostas a admitir que seu modelo social de um capitalismo controlado pelo mercado e livre regulação do Estado não é capaz de responder às demandas atuais de crescimento sem a necessidade de mudança ou redirecionamento a um novo mundo possível, que perpassa obrigatoriamente pela capacidade de inovação da sociedade, alimentada pelas formas solidárias de gestão econômica e novas possibilidades de geração de energia.

Isso porque a demandada transformação da relação social com a natureza é tão radical que as tradicionais formas de reprodução do capitalismo como conhecemos alcançaram um limite, atingindo o próprio anseio de expansão capitalista, resultado de um processo de modificação de energia e matéria, o que faz a entropia aumentar, conforme mostra a lei da termodinâmica.

Ao longo do livro, a temática do fim ou das modificações do capitalismo é abordada em uma estrutura de nove capítulos, que discutem o fim da história, a polêmica do conceito de capitalismo, as formas de apropriação privada do capitalismo, o crescimento à base do petróleo, as contradições internas do sistema capitalista, o fim da era do petróleo e, por fim, as possíveis alternativas que podem salvar ou modificar o capitalismo à luz da solidariedade e da sustentabilidade.

Mas ao refletirmos sobre a questão do capital, identificamos que a humanidade trabalhou e viveu grande parte de sua história na face da terra em condições não capitalistas. O capitalismo surgiu de outros modos de produção. Nessa linha de pensamento, outros virão. Essa certeza resulta da análise das sociedades capitalistas, sempre dinâmicas em direção a novos limites de desenvolvimento.

A grande exclusão interna do sistema capitalista possibilita a formação de uma urbanização informal, que, segundo Davis (2004), transforma a Terra em um planeta de favelas, onde a cidade passa a apresentar dois modos de vida distintos, alimentados pela desigualdade social. Essa situação produzida e mantida pela ideia de crescimento ocupa o discurso dominante e o dos dominados, calcificando o abismo social. E para piorar, a vinculação ao mercado é tão forte que até mesmo os excluídos da economia formal do mercado capitalista permanecem presos aos seus princípios, ou seja, aos padrões de raciocínio e às lógicas de ação da equivalência e reciprocidade.

Não admira que concepções al-

ternativas de política econômica não abandonem o fetiche do crescimento ao envolverem uma compreensão do tempo presente vinculado a um porvir com gratificações extras.

Mas nem tudo está perdido, pelo menos esta é a mensagem do autor, porquanto, mesmo na era da globalização, os movimentos sociais buscam alternativas à ordem posta. Uma das saídas construídas é a economia solidária, obra de movimentos sociais no seu empenho em reapropriar o espaço e o tempo, visto muitas atividades de movimentos sociais objetivarem a reapropriação de territórios. Por isso, esses movimentos também podem ser chamados de socioterritoriais.

A ação de reapropriação territorial, segundo o autor, é consequência do papel débil do Estado perante a lei de mercado neoliberal, em que o capital ocupou o espaço global, razão de, muitas vezes, restar aos movimentos sociais a ocupação territorial *in loco* para satisfazer suas exigências de melhoria das condições de vida, além de esses conflitos lançarem luz a novos espaços públicos antes inexistentes ou escamoteados pela ilegalidade fraudulenta.

Uma segunda alternativa, que deve ser associada à primeira, é o caminhar em direção à obtenção de energia, via fontes renováveis, nos afastando das fontes fósseis. Essa conjunção de possibilidades, sinergindo no tempo e no espaço, cria um novo cenário, transformando-se em imagens norteadoras de uma utopia concreta, pois nesse caso estarão em disponibilidade não apenas as fontes de energia, mas também seus modos de utilização.

O livro é de grande importância para o debate da crise do capitalismo e para a busca de alternativas a um mundo menos desigual, sendo uma leitura obrigatória para todos os estudiosos das ciências humanas que abordam a sociedade como objeto de estudo. E para finalizar, optamos por reproduzir a citação crítica encontrada, na parte introdutória do livro, que pertence a Eric Hobsbawm, que diz:

“Aqueles de nós que viveram os anos da Grande Depressão ainda acham impossível compreender como as ortodoxias do puro mercado livre, na época tão visivelmente desacredita-

das, mais uma vez vieram a prevalecer num período global de depressão em fins da década de 1980 e na década de 1990, embora mais uma vez não estivessem em condições de compreender nem controlar tal depressão. Esse estranho fenômeno deveria lembrar-nos de um dos mais característicos traços da história: a memória curta dos economistas, tanto dos teóricos como dos práticos.” (*Era dos Extremos: O breve século XX – 1914/1991*).

Edson Soares Fialho

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa